



Compreendendo os Três Yanas



Imagem: Guru Dorjé Drolö

Caros amigos próximos e distantes,

Como de costume, espero que esta mensagem os encontre bem, saudáveis e felizes. Neste dia de Guru Rinpoche, comemoramos Guru Dorjé Drolö, o Guru da Fúria Vajra que Refulge Além da Sabedoria. Neste dia especial, gostaria de compartilhar com todos alguns insights a respeito do significado e propósito dos três *yanas*, ou sistema de três veículos: O Veículo Fundamental (Theravada), o Grandioso Veículo (Mahayana) e o Veículo do Mantra Secreto (Vajrayana). Nos dias de hoje, é comum que se expliquem as diferenças entre eles como sendo históricas, linguísticas ou políticas. Meu entendimento pessoal, no

entanto, é que os três *yanas* configuram estágios da purificação da mente humana, ou na terminologia do Dharma, três passos para a purificação dos obscurecimentos que nos impedem de atingir a realização derradeira.

O primeiro *yana*, o Theravada, enfatiza o comportamento negativo (os obscurecimentos cármicos) e os pensamentos e emoções negativos (os obscurecimentos aflitivos) como o alvo da transformação. O Theravada ensina que todas as ações e emoções negativas, como os três venenos e assim por diante, advêm do apego a um eu. Portanto, desenraizar o apego a um eu é o objetivo principal do Theravada, e a base do caminho budista da transformação como um todo.

Em segundo lugar, no Mahayana, o principal alvo da transformação é a fixação dualista (a obstrução cognitiva). Ao ensinar o Mahayana, Buda Shakyamuni portanto enfatizou a meditação na vacuidade, ou meditação além da atenção plena, livre da dualidade de sujeito e objeto.

Finalmente, o Vajrayana se dirige diretamente ao quarto obscurecimento – a raiz dos três primeiros – com o intuito da transformação. Este quarto obscurecimento é o primeiro movimento do pensamento, ou primeira agitação mental (o obscurecimento das tendências habituais). O caminho Vajrayana visa transformar este obscurecimento através da realização da pura natureza básica da qual tudo surge.

Desta forma, os três *yanas* formam o caminho para a cura da nossa doença. Como analogia, se o seu fígado não está saudável, você também pode ter dores de cabeça. O Theravada tem como objetivo tratar a dor de cabeça, que é um sintoma. O Mahayana trata a causa imediata, neste caso, a doença hepática. O Vajrayana vai mais além e tem como alvo as causas mais sutis e profundas da doença hepática – digamos, processos inflamatórios no corpo. Nesta analogia, o caminho Vajrayana consiste em curar a inflamação no nível celular, que é a causa-raiz da doença e de todos os seus sintomas.

Portanto, embora possa haver diferenças culturais, linguísticas e históricas entre os três *yanas*, explicá-los apenas desta forma perde completamente de vista a intenção destes ensinamentos, ao mesmo tempo em que superpõe nossa própria perspectiva subjetiva ao caminho budista. No entanto, no que tange aos *yanas*, fica claro que sua união compõe um caminho de transformação que conduz à realização da verdadeira natureza. Portanto, enxergo todos os três *yanas* como interconectados, e igualmente importantes de serem compreendidos. Todos eles se originam das bênçãos e orientações dos ensinamentos do Maha Guru Padmasambhava.

O segundo ponto que gostaria de salientar é que cada *yana* foi ensinado a um determinado público e com um propósito específico. No Theravada, para começar, causa e efeito cármicos são fortemente enfatizados. Neste contexto, Buda declarou: “Eu não posso lavar suas ações negativas com minhas mãos, nem posso transferir minha realização para vocês. Eu só posso lhes mostrar o caminho da transformação, e cabe a vocês o seguir ou não.” Esta era a posição do Buda no contexto Theravada, porque a ênfase nesse caso era a importância de se assumir responsabilidade pelas próprias ações. Neste caso, o Buda estava ensinando aos seres que eles tinham a capacidade de mudar e, portanto, precisavam assumir a responsabilidade por si mesmos. Ele nos ensinou que temos a capacidade de ser nosso próprio protetor, ou nosso próprio inimigo.

No Mahayana, a ênfase principal se encontra na mente, na compaixão e na bodhichitta. Estes são considerados tão importantes que seriam suficientes para reduzir e até mesmo eliminar o carma negativo. É por isso que Shantideva escreveu que um único instante de bodhichitta genuína tem a capacidade de purificar eons de carma negativo. Isto mostra muito claramente que a mente é preponderante, e que por isso a compaixão e a bodhichitta são mais fortes que o carma. Assim, o foco dos ensinamentos mudou do Theravada para o Mahayana, porque o público também mudou. No início, não reconhecemos a importância da mente, e o foco está, portanto, principalmente no comportamento externo. No entanto, uma vez que tenhamos praticado no caminho, o papel primário da mente se torna claro. É então que podemos começar a nos beneficiar dos ensinamentos do Mahayana sobre a transformação da mente. O Vajrayana ensina sobre a natureza da mente, o verdadeiro Buda, e suas bênçãos. Neste âmbito, é crucial compreender que quando dizemos “buda”, nos referimos à completa ausência de ego e fixação dualista, o que também significa a total ausência de carma, pensamentos e emoções negativas. Isto é o que chamamos de Buda: sabedoria inata, completamente iluminada.

O Vajrayana ensina que o Buda é onipotente por ser a verdade suprema e imutável. Tudo o mais é relativo e delusão. É por isso que no Vajrayana há tanta ênfase nas bênçãos do Buda, na compaixão ilimitada e na sabedoria além da dualidade. A não-dualidade da sabedoria e da compaixão têm a capacidade de transformar o que quer que seja, porque são a própria natureza da realidade. Assim, não estamos falando das bênçãos de uma pessoa específica que tenha vivido numa época qualquer. Isto seria um total mal-entendido e algo muito equivocado. Estamos falando das bênçãos da verdade cabal.

Portanto, o Vajrayana enfatiza acima de tudo a sabedoria acima de tudo, e ensina sobre as bênçãos da sabedoria, a verdadeira natureza, que é a transformação. É também daí que advém o nome “Vajrayana”: “vajra” denota a verdadeira natureza, que é indestrutível, a verdade que o Buda nos ensinou a realizar. Este é o Buda derradeiro, que é inseparável de todos os infinitos budas do passado, presente e futuro, bem como de todos os bodhisattvas, dakinis e divindades do Vajrayana. Se conhecemos isso, compreendemos o significado das bênçãos do Buda.

Assim, a mudança de ênfase de um *yana* para o outro ilustra o processo de transformação: Primeiro, nos ensinamentos Theravada, aprendemos a assumir a responsabilidade por nossas ações e nosso caminho. Em seguida, o Mahayana nos ensina da importância da mente e como transformá-la através da purificação e da acumulação. Finalmente, o Vajrayana aponta a natureza pura da mente, a sabedoria não-dual.

Quando entendemos o contexto desses ensinamentos, também compreendemos a lógica perfeita deles. Não há paradoxos no Budadharma, porque cada ensinamento é adaptado às necessidades dos indivíduos, cada um em seu próprio nível. No entanto, quando tentamos analisar tudo de um ponto de vista puramente intelectual, sem considerar o aspecto prático dos ensinamentos, eles parecem paradoxais. Eu mesmo enxerguei muitos paradoxos no Budadharma no passado, mas atualmente ultrapassei tal limitação, devido às bênçãos de meus gurus, as instruções do Dharma e do Maha Guru Padmasambhava, e devido à minha devoção à minha prática e aos meus gurus. Esta é a combinação de condições que precisamos para a compreensão completa, que é o que gostaria de desejar a todos neste dia do Guru Dorjé Drolö, o Guru da Fúria Vajra Que Refulge Além da Sabedoria.

Com todo o meu carinho e preces,
Sarva Mangalam.

A handwritten signature in black ink, consisting of a series of loops and curves, with the name 'Phakchok Rinpoche' written in a stylized script above it.

Phakchok Rinpoche